

**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA**

**LICENCIATURA EM HISTÓRIA – 8º PERÍODO**

**MULHERES QUE CURTEM ROCK: A PRESENÇA FEMININA NO  
MOVIMENTO UNDERGROUD NA CIDADE DE PARINTINS (2007-2012)**

Autora: Giovanna Cristina Fernandes Mendes<sup>1</sup>  
Orientador: Arcângelo da Silva Ferreira<sup>2</sup>

**Resumo**

A reflexão abordada nesta pesquisa é analisar e verificar o caráter das articulações socioculturais relacionada a cena rock and roll em Parintins, destacando o protagonismo das mulheres no movimento underground na cidade. O percurso metodológico utilizado pauta-se nas fontes orais, que trazem as vozes das meninas e constata uma lacuna à respeito da participação feminina no movimento, e ainda, suscita sua resistência soturna neste espaço. Foram entrevistadas garotas que vivenciaram o movimento em diferentes épocas na cidade, desde o surgimento até o auge, e também deveu-se em entrevistar participantes masculinos, que outrora estiveram, e ainda estão na estrada, ligados ao movimento fazendo o rock e, que descrevem suas experiências com o movimento desde os primeiros gritos até o momento em que a cena alcança o ápice, e, por conseguinte, a retração, mas que, ainda hoje, luta pela resistência, em Parintins-AM, correlacionando suas contribuições para evidenciar o movimento underground do rock, elucidando o envolvimento das mulheres nesse espaço de resistência, visto em geral, um lugar de predominância masculina. A investigação, apoia-se, suscita de uma base bibliográfica que verifica a participação da mulher neste cenário como um sujeito que luta por espaço. E por fim, finalizo esta análise que, de fato, já houvera uma participação ativa das mulheres que curtem rock, porém, o declínio do movimento comprometeu sua envoltura, e que exercem o seu protagonismo comparecendo no movimento e shows de rock.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do oitavo período do curso de História da Universidade do Estado do Amazonas, giovana\_tecna@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professor de História (CESP), asf1969@outlook.com.

**Palavras-chaves:** Movimento underground; Rock and Roll; Protagonismo feminino; Parintins-Am.

## **Introdução**

O universo do rock and roll<sup>3</sup> e a presença feminina em espaços undergrounds<sup>4</sup>, nesta pesquisa, são elementos fundantes para compreender, no que diz respeito, a participação das jovens que se reconhecem inclusas nesta contracultura, numa perspectiva ideológica e identitária.

Neste sentido, esta pesquisa propõe uma reflexão sobre a representação feminina num espaço pouco celebrado, sob suas próprias experiências, enquanto simpatizantes ou participante do movimento. Em segundo, estão as atuações que a cena<sup>5</sup> do rock possibilita para interação social, uma vez que, como gênero musical e movimento cultural de transgressão e rupturas, alude apelos contestatórios e questionamentos sobre a sexualidade, mudanças culturais e identitária, permitindo, assim, a construção duma consciência crítica do contexto social ao qual o sujeito pertence, mas também como este movimento se articula em espaços undergrounds, permitindo adquirir uma mentalidade sujeita a novas percepções.

No entanto, há uma lacuna de estudos sobre a presença feminina neste cenário, e que embora consistam numa minoria, em seus discursos, elas fazem uma leitura do movimento, assimilam e preocupam-se em manter sua integridade moral e social perante a cena underground. Ao mesmo tempo em que elas descobrem no espaço do rock uma atmosfera de liberdade de expressão, contestação, e até uma saída da própria prática cultural hegemônica da região, ao mesmo tempo que essas jovens tem a plena consciência que esse espaço underground as limitam, impondo barreiras de moralidade e comportamento. Percebe-se, então, que as jovens já internalizaram valores e expectativas impostos a mulher na sociedade.

---

<sup>3</sup> Conforme Pavão (1989), o termo rock and roll surgiu do nome de um programa de música de blues chamado —Moondog rock and roll party, em que rock and roll designava um eufemismo para sexo, uma comparação da dança do rock com a simulação do ato sexual.

<sup>4</sup> Segundo Jacques (2007), em seu trabalho de dissertação de mestrado sobre “O rock underground de Florianópolis”, o termo underground refere-se ao que se opõe ao convencional, dominado pela indústria fonográfica.

<sup>5</sup> A ideia de “cena”, conforme expõe Junior e Pires (2011, p. 11), foi pensada para tentar dar conta de uma série de práticas sociais, econômicas, tecnológicas e estéticas ligadas aos modos como a música se faz presente nos espaços urbanos. Isso inclui processos de criação, distribuição e circulação, além das relações sociais, afetivas e econômicas decorrentes desses fenômenos.

Sob essa perspectiva, é evidente que o pensamento moderno atribui papéis sociais diferenciados para cada sexo, como escreve Michele Perrot para Hegel.

O indivíduo é fundamento do direito, o qual só pode ser pessoal. O corpo define o eu, que para, se objetivar, precisa da propriedade individual... Mas o indivíduo está subordinado à família que, com as corporações, é um dos círculos essenciais da sociedade civil. Sem ela o Estado só se relacionaria com “coletividades inorgânicas”, com multidões, propícias ao despotismo.

Enquanto ao movimento do rock, que naquele contexto fizera-se, e ainda se faz, presentes em lugares undergrounds da cidade, este enfrenta, até hoje, muitas balizas burocráticas que marginalizam o movimento de resistência, abdicado até mesmo no aspecto cultural. Admite que a cidade abrange um caráter multicultural, envolvendo diversas formas de manifestações culturais populares, porém, permanece evidente que somente o que movimenta a economia é válido e mostrado em escala regional, nacional e internacional, como é o caso do Festival Folclórico, e de proporção regional, o Festival de Pastorinhas que possui um caráter popular e religioso. Ressalto ainda, que muitos dos movimentos que surgiram na cidade nos últimos 10 anos apresentam o mesmo ciclo que a cena do rock underground, a chegada, o auge do movimento, a decadência, e conseqüentemente o fim. Movimentos juvenis culturais como por exemplo: o Hip Hop, o Grafite, o Skate, o Slakline, o Free Step<sup>6</sup>, emerge na necessidade de se manter em atrelamento social, que ao mesmo tempo busca estratégias de sair do convencional, buscam das culturas alternativas formas de manifestar causas sociais, ou regulado na própria na relação entre os indivíduos.

A cena do rock, ao contrário das culturas juvenis que aos poucos foram ficando opacos, fragilizadas e desestabilizadas, tem em seu caráter ideológico a resistência. Nesse sentido, a pesquisa necessitou de apropriar-se conceitos para uma concepção mais objetiva, como a pesquisa bibliográfica, e no processo metodológico da

---

<sup>6</sup> No artigo recente, de trabalho de conclusão de curso, de Klinger Souza Machado, Rock na Terra onde se brinca boi, descreve que a cidade de Parintins é conhecida de “cidade da cultura”, no entanto, é enaltecido somente o que movimento a economia, como por exemplo o Festival Folclórico de Parintins. Machado aponta também para diversas outras formas de manifestação que surgiram, em especial, o Rock in Roll. Essas culturas juvenis que chegaram na cidade confirmam que as pessoas, em especial o público jovem, acompanham a tendência e trazem para seu cotidiano. O Slakline e o Free Step são um exemplo disso, o primeiro refere-se a um esporte de equilíbrio sobre um fita elástica esticada entre dois pontos fixos, o que permite que o praticante ande e exerçam algumas manobras por cima; o segundo um movimento de dança que consiste em fazer movimentos rápidos com as pernas e com as mãos sob as batidas da música eletrônica, o termo “free step” em tradução livre “passos livres”.

História Oral, tendo em vista, pois, que o enfoque da temática está constituindo-se aos passos lentos, pela pouca, ou nada, de informações, principalmente no que diz respeito ao envolvimento das mulheres em movimentos de contracultura na ilha. Ressalto, ainda, que o protagonismo feminino é percebido e citado nas falas das entrevistadas, porém há um silêncio sensato que fecha essa ideia, pois a figura ativa do movimento, daquele período, desaparece do personagem e renasce sobre outra perspectiva.

A pesquisa necessitou do uso metodológico pautado em fontes orais, uma vez que a memória é um fenômeno individual, íntimo e próprio de cada pessoa, mas no tecido social.

No entanto, rememorar o início da trajetória do rock, assim como o percurso que as mulheres fazem, conta com a necessidade de buscar um diálogo com o sexo oposto, pois assim como descreve Pollak (1992), que “a memória de ver entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo ou social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.”

As memórias das entrevistadas e entrevistados se constituem como instrumentos socialmente criados e compartilhados. Portelli (1997) ressalta que em hipótese alguma as lembranças de duas pessoas são exatamente iguais.

Além das fontes orais, a pesquisa fundamentou-se em fontes bibliográficas e fontes imagéticas, que conceituam e perpetua a representatividade das garotas que curtem o rock e o movimento underground.

É importante enfatizar que estudos no campo cultural e no campo de gênero tem amadurecido, principalmente no que diz respeito ao estudo de gênero, que teve um impulso na década de 80, por meio do movimento feminista. No Brasil, a cena riot grrrl<sup>7</sup> ganha impulso por meio do movimento feminista, e alguns eventos, como a Verdurada, e projetos promovidos pelas ações de ONG's voltados, Católicas pelo Direito de Decidir.

A produção textual desta pesquisa compõem-se em três sessões. Na primeira, sistematizo uma abordagem histórica do rock, enquanto gênero musical e o

---

<sup>7</sup> Estilo voltado para mulheres jovens, cujo surgimento no início dos anos 1990, nos EUA, é marcado pelo lançamento, pela banda de rock Bikini Kill, do fanzine feminista “Riot Grrrls”.

movimento de contestação. Na segunda sessão, traço a trajetória de vidas mulheres e sua conduta para o rock. A última sessão tem por objetivo refletir o imaginário das mulheres, através das letras de músicas, fotos e noticiários eletrônicos, e como esta é representada.

## **I. Movimento underground e o Rock na cidade de Parintins.**

A história do *rock n' roll*, tem em suas raízes principais os estilos “rhythm and blues”<sup>8</sup>, que o cenário do pós segunda guerra mundial propiciou. A euforia pela liberdade e o anseio para o retorno à normalidade, são algumas expectativas para o homem comum, que resultará, agora, uma percepção mais clara dos efeitos na vida cotidiana. No entanto, Chacon (1995) esquematiza a procedência do gênero, a partir de Carl Belz (*The story of rock*), três campos musicais que o rock n' roll precisou beber, para que não se transformasse em apenas versão branca do “rhythm and blues”. O autor cita a *pop music*, o *rhythm and blues* e a *country and western music*, e reflete as contribuições desses três estilos para que assim pudesse criar sua própria proposta.

O panorama do rock, em escala internacional, revela-se no pique da movimentação dos anos de 1960, que tanto marcaram a experiência da juventude internacional pela própria ascensão. Pereira (1986), caracteriza essa década como um fenômeno identificado por sinais evidentes: cabelos compridos, roupas, coloridas, misticismo, um tipo de música, drogas e assim por diante. Um conjunto de hábito que, aos olhos das família de classe média, tão zelosas de seu projeto de ascensão social, parecia no mínimo um despropósito, um absurdo”.

No Brasil, o primeiro “chute de balde” para o rock foi dado pela sambista Nora Ney, que gravou *Rock around the Clock*<sup>9</sup>. Em terras brasileiras, o rock emerge de dois movimentos: a Jovem Guarda e o Tropicalismo, respectivamente, o primeiro movimento não tinha cunho político e intitulado, assim, de um texto de Lenin<sup>10</sup> que

---

<sup>8</sup> Segundo Chacon (1995), o rhythm and blues, é a vertente negra do Rock, argumenta ainda que “a mão –de-obra negra desde os tempos da escravidão, se refugiava na música (os blues) e na dança para dar vazão pelo corpo, ao protesto que as vias convencionais não permitiam”.

<sup>9</sup> Música de Bill Halley and the Comets, que serviu de trilha sonora do filme “Semente da Violência”, e após sua estreia, torna-se um hit e surge como um verdadeiro hino de guerra dos adolescentes da época (MUGGIATI, 1985, p. 11).

<sup>10</sup> Vladimir Ilyich Ulyanov, mais conhecido pelo pseudônimo Lenin, foi um revolucionário comunista, político e teórico político russo que serviu como chefe de governo da República Russa de 1917 a 1918,

inspirou os jovens: “O futuro pertence à jovem guarda porque a velha está ultrapassada”; o segundo movimento, Tropicália ou Tropicalismo, nome criado pelo artista plástico Hélio Oiticica<sup>11</sup>, tinha como responsabilidade desenvolver uma consciência social, depois política e econômica, combinada com exigências existenciais, estéticas e morais que tendiam a pôr tudo em questão. Alguns aspectos de inautenticidade, como versões e covers do rock era uma delas, representavam formas de manifestar injustiças sociais, a ignorância que acompanhava a violência, o imperialismo que impunha estilos e produtos.

Esse fenômeno, da contracultura, gerou uma mobilização global entre os jovens da década de 60, que além causar novas maneira de pensar, modos diferentes de encarar e de se relacionar com mundo e com as pessoas, delineou-se os contornos de um movimento social de caráter fortemente libertário, com enorme apelo a uma juventude de camadas médias urbanas e com uma prática e um ideário, questionando, agora, alguns valores da cultura ocidental.



Figura 1 - Capa do Jornal A Crítica em Abril de 1966. Fonte: New Yeah

da República Socialista Federativa Soviética da Rússia de 1918 a 1922 e da União Soviética de 1922 a 1924.

<sup>11</sup> Artista plástico que pertenceu ao movimento Tropicalismo, e o termo foi posto como título em uma canção de Caetano Veloso pelo do Cinema Novo, Luís Carlos Barreto: Tropicália.

O efeito desse fenômeno tem sua chegada em solo manauara em 1966, porém, distante da situação nacional que o país estava atravessando, a ditadura civil-militar, e que esta renderia canções de críticas, a crise econômica, a tentativa de internacionalização da Amazônia e a aposta da Zona Franca era a realidade naquele momento. Neste sentido, uma das alternativas que restara para fugir da situação que a cidade estava enfrentando era enveredar para o caminho da arte. Nathane Dovale<sup>12</sup> descreve que “a juventude amazonense difundia o rock pela cidade através do cinema e do rádio. O jornalista, considerado embaixador do rock, Joaquim Marinho teve um papel importante na difusão do gênero em Manaus, comandava o programa radiofônico intitulado Chegou a Hora do Rock, na Rádio Rio Mar”. A pesquisa que a jornalista realizou sobre a chegada do rock em Manaus, a princípio, era de encontrar qualquer “velho beberrão” que havia vivido a cena naquele momento.

Em Parintins, passado os 47 anos que o mundo vivenciou a década do orgasmo internacional, que ficara conhecido os anos de 1960, o primeiro relato que se tem sobre o rock, dá-se por meio de um grupo de amigos que em meados do ano de 2007, em meio a uma roda de conversas de jovens, que tinham por objetivo se reunir para compartilhar do mesmo gosto musical, trocar ideias e conhecer outras pessoas da cidade que partilhassem do mesmo gênero musical. A história do rock em Parintins se mistura com o surgimento da ASCROP<sup>13</sup>. O estudante de história, Mouzart Melo Guimarães, vocalista e baixista da banda *Bodó Hell*<sup>14</sup>, foi um dos precursores do movimento na cidade, estando até hoje na militância e participante ativo da cena.

Foi assim, **a gente estava reunido no local, só para ouvir música, conversar, só isso.** Aí eu e o Bit tivemos a ideia, primeiro local era na praça dos bois, num banco que não existe mais. E nessa primeira reunião estava o Eddie, eu não conhecia o Eddie [...] não conhecia um, mas um ia conhecendo o outro. **Deu umas 5 a 6 pessoas lá, acho que só.** Conheci noutro dia o Rodrigo Bit... A ideia foi nossa. Aí demorou muito tempo pro pessoal

---

<sup>12</sup> Jornalista e Repórter do Diário do Amazonas, agitadora cultural e embaixadora do New Yeah na região Norte do Brasil, escreve a chegada lê-lê-lê em Manaus e a contribuição do meio de comunicação de rádio na propagação para as rádios do Amazonas.

<sup>13</sup> Machado (2015) caracteriza, como “o movimento de ocupação da praça (praça da Liberdade), que posteriormente recebeu o nome de ASCROP e tinha como membros, principalmente, estudantes, tanto de universidade quanto de escola públicas, onde muitos, além de estudar, também trabalhavam, e havia algo em comum entre ele, por eram de famílias humildes”. Teve seu fim, no início de 2010, no festival de rock, ‘Parintins FestRock’ acabou.

<sup>14</sup> Banda originalmente de Parintins, que surge na junção de outras duas bandas, Crushers e Piracui Aditivado, e estão na cena desde 2011.

conseguir se interessar, preguiça, talvez, não sei. O pessoal lá falava “bora, bora chamar, um avisa o outro, o outro que conhece”. A gente se conheceu no mesmo dia, a galera se conheceu se nesse dia, foi umas 6 pessoas e só. Nesse dia foi curioso porque tinha uns cabeludos de Manaus tomando umas cervejas lá num boteco, lá do lado, aí chegou uma garota dizendo que era namorada de um cara lá da banda do “*Under Dyse*”, esqueci o nome da banda agora, [lembrando da situação], mas que um ano depois, um mês depois eles tocaram lá no Ilha Verde. Era uma banda de metal mesmo, **eles queriam trazer uma banda de rock para cá, só que não sabiam se tinha gente aqui que curtia metal**, conversamos com ele lá. Acho que foi nós que deu ideia pra eles trazerem a banda deles. **No ano seguinte eles vieram pra cá, em Parintins, e só foi nós que fomos lá ver eles. E foi lá, uma galera do ASCROP. Foi lá que surgiu, em 2007.**”(Mouzart Melo, 27 anos) [Grifos nosso.] Entrevista realizada em 19 de Maio de 2017.

Considerando que ao nos referimos a memória, ‘devemos levar em conta que ela constrói uma linha reta com o passado, alimentando-se de lembranças vagas, contraditórias e sem nenhuma crítica às fontes que, em tese, embasariam essa mesma memória’ (MOTTA, 2012, p. 25). A autora conjectura que ao rememorarmos um determinado acontecimento, este por sua vez, conecta-se com o passado de forma linear, apresentando ambiguidade e, muitas vezes, lacunas.

A configuração do rock, a princípio, dá-se apenas como um gênero musical que vai reunir alguns jovens para compartilhar ideias e lazer. Porém, o amadurecimento dessa ideias estimularam esses jovens a procurar um espaço adequado, para que pudessem se reunir, compartilhar e expressar-se acerca do gênero. É nesse momento que o rock, enquanto gênero musical, se torna em uma atitude de contestação na cidade, em que embora se faça presente a predominância culturais na cidade acima de outras, como o festival folclórico de parintins, o festival de pastorinhas e etc, o rock busca firmar-se nesse contexto, através da própria resistência do jovens que iam nesses encontros. A criação da Associação de Roqueiros Parintinenses evidencia o comportamento daquela juventude, que decidem legitimar o movimento do rock, adquirindo um caráter responsável e independente. No discurso de Mouzart, percebe que uma parcela mínima de jovens, naquela época, já assimilavam o rock n’ roll em seu cotidiano. Conforme Hell (1989), percebe-se então que:

A cultura é uma forma específica de ‘existir’ e do ‘ser’ do homem. O homem vive sempre de acordo com uma cultura que lhe é peculiar e que, por sua vez, cria entre os homens um laço

que também é peculiar, determinando o caráter inter-humano e social da existência humana” (HELL, 1989, p. 10).



*Figura 2- Apresentação do Bodó Hell na praça do Bois. Fonte: Arquivo pessoal, 2015.*

Outro aspecto cultural ponderado nesta pesquisa pauta-se no maniqueísmo e a política, que, por vez ou outra, desvalorizam e desestabilizam as formas de manifestações culturais populares que foram aparecendo, a não ser que esta represente uma questão positiva para movimentação socioeconômica. Portanto, outros movimentos que surgiram, e tiveram seu auge, e aos poucos tiveram que assistir o declínio, são resultados dessa estratégia. Um exemplo está relacionado ao lugar que é produzido o rock, ou de certa maneira, os ambiente em que ele vai se apropriando. Na pesquisa, foram identificados lugares, como: a Praça da Liberdade, a Praça dos Bois, o bar do Farinhada, a “casa da cultura”, a própria casa dos participantes do movimento e alguns espaços que anônimos. Apesar da precariedade da estrutura, os envolvidos sempre buscavam uma maneira para fazer acontecer os shows de rock, embora as dificuldades, havia um elo de fraternidade para que pudessem fazer o “som”. Certeau explica que “desde que a cientificidade se atribuiu lugares próprios e apropriáveis por

projetos racionais capazes de colocar zombeteiramente os seus modos de proceder, os seus objetos formais e as condições de sua falsificação, desde que ela se fundou como uma pluralidade de campos limitados e distintos, em suma, desde que não é mais do tipo teológico, a ciência constituiu o 'todo' como seu 'resto', e este resto se tornou o que agora denominamos a cultura (CERTEAU, 1998, p. 65). As transformações que a modernidade trouxera, agora, tornou o homem ordinário em narrador, definindo o lugar do discurso e o espaço de seu desenvolvimento.

## **II. As mulheres que curtem rock: suas trajetórias históricas.**

Estudos e reflexões acerca da presença da mulher em uma natureza oposta, no cenário do rock n' roll e em movimentos juvenis, undergrounds, tem exercido um certo fascínio no campo dos estudos culturais e gênero. Ressalta-se também que o percurso que as mulheres fizeram, ao enveredar para a cena e o movimento underground, ininterruptamente foi aceito com tanto prestígio, e que tiveram muitas vezes de enfrentar a exclusão social e familiar e o preconceito.

Não somente nesta atmosfera, mas estudos desde a Antiguidade, mostram as diferenças entre mulheres e homens, e como o “ser mulher” era visto como deformação, e logo, incapazes de qualquer atividade intelectual ou concepção de cidadania, cabendo aos homens a discussão da polis. Na modernidade acontece a percepção dos corpos. No Iluminismo e na Revolução Burguesa, o corpo assume dois sexos. Com o avanço dos estudos medicinais e da ciências, pensar um indivíduo dotado de razão, e sendo igual perante a lei, inibiria explicar a inferioridade da mulher nesse contexto (BARRETO, 2009, p. 130).

Assim como o movimento do rock underground enfrenta barreiras de preconceito e desvalorização, os caminhos que a mulher percorre são semelhantes, e, claramente, ela percebe que está num espaço quase inóspito para mulheres. Tanto para a mulher que produz o rock, quanto para aquelas que curtem o rock.



Figura 3 - Show de rock em espaços underground. Fonte: Machado 2012.

No desenvolvimento da pesquisa, a partir dos primeiros relatos das entrevistadas que foram obtidos, algumas personagens foram citadas e, até, recomendada a procurar para conversar sobre as meninas que frequentavam o movimento ativamente naquele período, e que aos poucos foram ficando conhecidas por estarem sempre presentes, buscando lugares, chamando divulgando e avisando os sons e a apresentações de rock.. Um exemplo localizado é a garota da figura 4, que pela falta de disponibilidade e alguns contratempo, foi possível apenas pelas redes sociais. A garota que aparece segurando o microfone é Brenda Castro, que conta que nesta foto ela o segurava por estar “cantando Black Sabbath.” E ao indagar sobre como era a participação das meninas nesse tempo, ela relembra que “de meninas lá do movimento, eu era uma das poucas que tinha atitude mesmo, hoje não tenho como antes. Punk é o gênero que eu curti, as letras fazem a gente pensar a sociedade, refletir problemas sociais.” Na foto, observa-se que a presença dela nessa apresentação carece de meninas a frente de bandas, ao redor os rapazes dando continuidade ao show, e mostra também a situação que o rock underground se configurava nesse período.

Todo uma cautela perpassa e análise que processam acerca do movimento rock underground é descrito por elas, e a partir do imaginário produzido, elas vagarosamente e timidamente vão ocupando esses espaços. A simpatizante do movimento underground, Marília Marinho<sup>15</sup>, descreve como se deu sua participação no movimento.

**Eu me envolvi no movimento do rock aqui em Parintins através de duas pessoas, duas mulheres, na verdade, [...] a gente compartilhou vários momentos, e a partir desse envolvimento com elas, eu mesma comecei a tomar atitude, a ir a participar dos movimentos, só que eu não participava completamente. [...] Olha na cidade de onde eu vivia, não tinha oportunidade de sair. Não tinha nada, era só forró, e no techno melody ainda, no Pará é assim, entende?! E eu vim pra cá pra Parintins, apesar de ser um, assim, não ter uma estrutura boa. Num ter assim, digamos era tudo: “ah vai ter!” e tudo mais, entende?! Não tinha ensaio, num tinha nada, e eu acredito que era assim na porrada que acontecia, mas apesar disso eu gostei, entende?! Por que tinha uma coisa diferente, e que eu gostava. E que eu poderia participar. (Marília da Rocha Marinho, 23 anos, professora.) [Grifos nosso.]**

Neste mesmo discurso, nota-se que o rock é gerador de uma reação na participante, em que no qual a faz ter mais atitude e iniciativa. E ainda, o movimento do rock na cidade consisti em uma saída, uma oportunidade dela sentir-se pertencente a um grupo. Os estudos Culturais dão bases para o questionamento da construção da identidade. Conforme Hall (2003), “pertencer a uma identidade é tão diversificado quanto a cultura e o contexto social nos quais os indivíduos circulam”. A identidade está em constante movimento. E ainda, segundo Pawlowski (2013), “a identidade descentrada não é dada nem brota biologicamente do ser. Ela é consequência de um longo processo de identificação e de escolha que envolve rejeição e aceitação”.

Em outra entrevista, a jovem Suelen Cunha<sup>16</sup>, relata suas influências e o interesse para, com, este gênero musical, e a complementação para construção da sua personalidade.

**Eu tinha 18 anos quando comecei a me interessa pelo hard rock, meu irmão mais velho colocava o DVD do Guns’ n Rose em casa, e comecei a ser fã dessa banda. Cara, a primeira banda que até hoje é a número um em minha play list... [risos]. Na época eu conheci uma menina, ela vinha quase**

---

<sup>15</sup> Marília da Rocha Marinho, 23 anos, Paraense, graduada em Licenciatura em Letras, é professora em um centro de ensino particular, moradora do bairro de Itaúna II, a realização da entrevista foi em sua residência, no dia 21 de abril de 2017.

<sup>16</sup> Suelen Cunha Costa, 26 anos, Parintinense, estudante, e moradora do bairro de Itaúna II, a realização da entrevista foi em sua residência, no dia 7 de abril de 2017.

todos os dias aqui em casa pra gente assistir Guns n' Rose e Pitty, que era a banda que ela curtia. Eu nunca tinha me interessado por um estilo de música, até eu ter conhecimento do Rock and Roll [...] **O rock era o que faltava pra completar minha personalidade** [...] Depois comecei a me vestir como 'roqueira' [...] Durante um dos passeios que eu meus amigos faziam a noite, eu vi um grupinho, um pessoal jovem que gostavam do mesmo estilo que eu, e a vontade de estar no meio era grande, até que um dia eu tomei coragem e fui chegando... é... de mansinho [risos]... Daí, todos os finais de semana a gente se encontrava na praça da Catedral ou Liberdade. As pessoas, é..., éramos vistos como 'EMOS', porque a ignorância das pessoas só conheciam essa palavra. [Grifos nosso.]

Percebe-se que o rock, enquanto, gênero musical ou como movimento de resistência, transformam seus modos de vida no cotidiano. Porém, suas trajetórias consistem em luta tanto pela aceitação de sua identidade, quanto para rompimento do preconceito, que anula e deprecia qualquer pretensão de conhecer o movimento, além disso, o preconceito constitui como um dos obstáculos, ora contexto familiar, ora no social.

O rock, em suas entranhas, carrega ideologias que tem o intuito de questionar, gerar consciência crítica e manifestar-se por meio de atitude para seus seguidores, tanto o gênero, como o movimento.

Ainda no discurso, entende-se que concepção e a construção do preconceito com o movimento do rock foi estabelecido a partir de um outro movimento crucial, denominado EMO<sup>17</sup>, e que espalhou-se em Parintins nos anos de 2009. O surgimento desse grupo de pessoas que se declaravam pertencente a tribo urbana, transformou o pensamento social, resultando na generalização negativa dos movimentos. As ações que os Emos praticavam na cidade, fez com que no imaginário das pessoas, todos os jovens que trajassem preto, listrados, ou cabelos compridos, franjados, era, provavelmente, pertencente a tribo urbana. A cidade tem o caráter religioso bastante intenso na vida dos cidadãos, e essa influência somou-se a intolerância, e propriamente, o preconceito.

A representação que o rock significa para elas, fazem-nas refletir o significado de ser, ou não, roqueiro(a), construindo conceitos, a partir de suas

---

<sup>17</sup> Segundo o Wikipédia, "emo do inglês emo, abreviatura de emocore) é um gênero musical distinto tipicamente caracterizado pela musicalidade melódica e expressiva, e por vezes letras confessionais." No Brasil, a "tribo urbana emo" se estabeleceu sob forte influência estadunidense em meados de 2003, em São Paulo. Disponível em: <<https:pt.m.wikipedia.org/wiki/Emo>> acessado em 13 de out de 2017.

experiências. Um exemplo dessa asserção, é encontrado em uma das falas da entrevistada, Marília.

Nunca participei, no sentido, de cantar, tocar algum instrumento, já tentei tudo, nunca deu certo. Por que existe aquele paradigma que muita gente fala, curte rock, mas tem que saber cantar e tocar algum instrumento pra ser um roqueiro de verdade. Porque assim, **existe o roqueiro e existe aquela pessoa que curte e que ouve a música**. Eu, na minha concepção, acredito que **o roqueiro é aquele que faz o rock, ou seja, que produz as músicas, que faz o show, que faz a galera legal, que tem uma banda. Esse é o roqueiro! E a pessoa que curte o rock é aquela pessoa que gosta das músicas, que gosta das bandas, que vai lá e curte**. Eu acho errado quando alguém fala: “ah, tu é roqueiro”, não, eu falo assim, eu curto as músicas. **É o meu conceito** que eu dei, não sei se tá errado. (Marília Marinho, 23 anos.) [Grifos nosso.]

Na situação familiar, as mulheres se deparam com outra problemática, o preconceito por parte dos familiares, que abrange desde a sua maneira de vestir, até questionar lugares que as mesmas estariam frequentando, resultado das ações negativas do grupo de emos.

Por exemplo, do preconceito. É eu achei muito errado, pelo menos, **muitas pessoas falam ‘Ah, a pessoa, ela tem um preconceito por que a pessoa não tem um estudo, por que ela é... digamos ignorante’**, não tem nada haver isso. Eu achava que da parte do meu tio não ia ter, por que tipo, ele é um professor [...] **E sempre quando eu saía, ele dizia: ‘Tu já vai pro cemitério?’ ‘Quê tu vai fazer no cemitério?’** [...] Aí tipo assim eu não gostava, mas também eu não falava nada, a gente tava aqui na casa dele, mas... aí daí, tipo, ele discriminou, [...]. Aí daí a minha tia dizia assim: **“Ah isso é fase”, aí eu falei assim: ‘Não tia, não é fase!’**”. (Marília Marinho) [Grifos nosso.]

Outro exemplo, encontro nas experiências de Suelen e as suas relações familiares, ela conta:

Meu pais tiveram 7 filhos e apenas eu curto rock, meu irmão até hoje gosta de Guns n’ Rose, mas é só! **Nunca tive apoio moral da minha família**, meus irmãos não se importavam, nem meu pai, mas minha mãe sempre vinha com suas ladainhas. **Ela achava que eu já tinha me vendido pro diabo** [risos]. **Depois que comecei a me vestir como ‘roqueira’, aí mesmo que ela pirou** [risos eufóricos]. A, a diferença me fazia feliz! E ainda me faz. Talvez ela achava que essa ‘fase’ iria passar.”[Grifos nosso.]

Observa-se que o próprio espaço familiar agem como opressores, ou ignorante, e não permitem-se conhecer. Tudo isso provoca um desestímulo, e aos poucos vão internalizando que o seu papel, não é estar em ambientes que desvirtuam sua integridade moral e religiosa, e sim, preparar-se para ser uma mulher exemplar, que se sujeita a situação impostas, não tem posicionamento crítico.

Destaco também, que o movimento do rock underground, rompe barreiras que balizem o envolvimento das jovens, para tanto, estes refletem a importância da presença feminina nesse movimento, conforme elucidada o universitário Erick Andrade<sup>18</sup>.

**Eu não tenho lembranças de ver alguém tocando, alguma menina tocando, mas, nesse tempo mais antigo né, mas elas gostavam muito, então inclusive na hora que a gente tava tocando, elas tavam pulando, se divertindo pra caramba.** E acho que ... ano passado, é, no começo do ano passado, eu tava tocando em numa banda duma amiga minha, que a gente chegou tocar em alguns lugares, chegou a tocar no celeiro mix, chegou a tocar na casa da cultura. E era uma banda legal pra caramba. Eu achei inovador pra ela. Tipo, eu falei “Pô, uma menina cantando na banda e tal”, aí inclusive começou a aparecer mais meninas cantando, e a gente começou a fazer outra banda, e praticamente eu participei de duas bandas com garotas que cantavam, mas eu achava interessante pra caramba. Mas em torno disse, **eu falava pra ela “Pô, vocês tem que procurar mais meninas, mas que toquem, incentivar e tal”, eu queria até ensinar a minha irmã porque eu queria ver um dia ela tocando e tudo mais, mas só que era meio difícil pra ela, porque não tinha tempo.** Ai a gente escutava história de pessoas “ah, tem uma menina que toca bateria”, “tem uma menina que toca isso, toca guitarra”, a gente dava um jeito de procurar o contato delas e perguntar se elas queriam participar das bandas, só que também a vida delas era ocupada e **muitas vezes eram da igreja, e a igreja é totalmente contra o movimento.** Aí acabou que a participação das meninas em bandas eram muito pouco mesmo, muito pouco mesmo, não por que os homens não deixavam, não davam espaço, mas é porque realmente as meninas não se envolviam em tocar instrumentos. Porque a gente sempre quis, pô legal cara, queria que tivesse banda de meninas aqui, só de meninas pô, entendeu. Ou então bandas com meninas que tocassem outros instrumentos, além de cantar, entendeu?! **Porque geralmente era só vocal mesmo.**

Compreende-se que a participação das meninas se resume no vocal, ou seja, as jovens que curtem o gênero são apenas reprodutoras do música, ou coadjuvantes. Das jovens que sabem tocar algum tipo de instrumento, pertencem a uma doutrinação religiosa que abomina ou desqualifica o gênero. Porém, as meninas que curtiam o gênero e viviam em suas realidades, encontra-se a falta, e esta é justificada pela sua condição, seja econômica, familiar e muitas vezes a própria ausência de autonomia. Todos esses fatores corroboram suas ações nessa agitação no cenário rock n’ roll parintinense. No discurso, ainda, do entrevistado, é claro que por parte dos rapazes há um “incentivo” para que as garotas assumam bandas de meninas, e até mesmo o elucidando, até, sua pretensão em ensinar sua irmã, mas ao mesmo tempo, não há qualquer performance que objetive a promoção duma educação instrumental ou musical voltada ao gênero.

### **III O imaginário das mulheres nas representações do Rock na cidade de Parintins.**

---

<sup>18</sup>Erick Andrade, é, atualmente, guitarrista da banda Bodó Helll e da banda Kohva, universitário.

A pesquisa constituiu-se, também, e em um aporte bibliográfico sobre a perspectiva na mulher no espaço do rock. A partir das leituras obtidas sobre a esta ótica, percebe-se que a mulher figura em um espaço limitado e centrado. Em sua dissertação de mestrado, Cristiane Pawlowski investiga “a identidade feminina” em letras de músicas, e conclui que:

“A luta pela autoria é uma realidade feminina nos diversos campos de criação artística. Esta proposta de análise possibilitou a percepção desse fato na área da música, em que o sujeito feminino, recorrente tema das composições, durante longo período da história, foi representado, predominantemente, por compositores homens. Com a conquista de direitos sociais e políticos, a mulher iniciou o rompimento das barreiras que impediam sua expressão intelectual, o que favoreceu a produção artística. A representação do feminino nas músicas de rock, não só interpretadas, mas também compostas por mulheres brasileiras são resultado de questionamentos e rupturas, que tiveram seu ponto inicial na década de 1960 com os movimentos *contraculturais*, entre eles, destacou-se, neste estudo, o movimento Rock e o feminismo” (PAWLOWSKI, p. 112).

Outras autores refletem que a participação da mulher neste cenário está aos poucos, ganhando força. O que se via, era a mulher apenas como uma sujeita coadjuvante, e que, se “fazia o rock”, seu lugar era estritamente o vocal, mesmo se ela fosse a autora de composições. Esse limite que o patriarcado limitou para esse sexo, hoje, percebe-se esvaindo. A mulher ocupando tudo aquilo que lhe era limitado, e obtendo resultados positivos no cenário. E ainda,

Em Parintins, o protagonismo feminino é ausente, mas percebe-se que o público feminino, mesmo que no silêncio, esforça-se a protagonizar seu cotidiano com os ideais do rock, a atitude.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pela identidade e o sentimento de pertencer a um grupo sociocultural, fez com que um público mínimo de mulheres se envolvessem com o movimento contra cultural na cidade de Parintins, nos meados do ano de 2007, até o ano 2012, recorte temporal em que remete a pesquisa.

No entanto, a participação das mulheres limita-se no público que curtem o rock, e dão o apoio moral ao movimento underground. As mulheres que curtem rock, como conceitua a si própria, busca sua autonomia e desmonta-se de atitude assimilando a própria ideologia do rock.

De certa forma a pesquisa realizada busca contribuir às investigações posteriores, na perspectiva de incentivar a produção do saber histórico sobre a cena do rock and roll na cidade de Parintins e, principalmente, sobre o papel das mulheres no caldo cultural efervescente na cidade. Por outras palavras, no campo refere à ocupação da mulher em espaços políticos e culturais. Para além de uma sociedade misógina. Pretendíamos mostrar aqui as “mulheres por cima”. A pesquisa, essencialmente as fontes orais, focou que isto ainda está por se fazer. Ocorreu certa frustração, porém, a história continua: há um horizonte de expectativa. Em suma, aspiramos com essa pesquisa incorporar aquela “mosca”<sup>19</sup> que pousa na sopa da ordem dos valores vigentes.

---

<sup>19</sup> Alusão à música Mosca na sopa, lançada originalmente em 1973 por um dos maiores expoentes do Rock nacional: Raul Seixas.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3º Ed. – Rio de Janeiro: FGV, 2013.

BARRETO, Cristiane Manique. História e Relações de Gênero. MORGA, Antônio Emílio. BARRETO, Cristiane Manique (orgs.). *Gênero, Sociabilidade e Afetividade*. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2009. p. 120-152.

BARROS, José D' Assunção. *O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico*. 3º Ed. – Petrópolis: Vozes, 2007.

BENAION, Noval. Música Popular em Manaus. Manaus, UFAM, 14 jul. 2014. Registro sobre a cena musical em Manaus na década de 1960. Entrevista concedida a Lucyanne de Melo Afonso.

CERTAU, Michael. *A invenção do cotidiano*. 3º Ed. – Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

CHACON, Paulo. *O que é rock*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

DOVANE, Nathane. *Anos 60: a primeira vez de Manaus no Rock*. 2005. Disponível em: <<http://www.newyeahmusica.com/2015/05/anos-60-primeira-vez-de-manaus-no-rock.html?m=1>> Acesso: 22/02/2017

FACCHINI, Regina. *Não faz mal pensar que não se está só”: estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do rock em São Paulo*. Tese de Doutorado (Ciências Sociais) - UNICAMP: Orientadora: Prof.ª Isadora Lins França. São Paulo, 2011.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Unesco, 2003.

HELL, Victor. *A ideia de cultura*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

JACQUES, Tatyana de Alencar. *Comunidade rock e bandas independentes de Florianópolis: Uma etnografia sobre socialidade e concepções musicais*. Dissertação de mestrado em Antropologia. Universidade Federal de Santa Catarina. 2007.

JUNIOR, J.J et al. *Entre os afetos e os mercados culturais: as cenas musicais como formas de mediatização dos consumos musicais*. In: Dez anos a mil: mídia e música popular massiva em tempos de internet. JUNIOR, J.J. et al (Org). Porto Alegre. Editora Simplíssimo. 2011.

MACHADO, Klinger Souza. *Rock na terra onde se brinca de boi*. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA: Orientadora: Professora Mônica Xavier de Medeiros. Parintins – 2016.

MAGI, Érica Ribeiro. *Rock and roll é o nosso trabalho: a Legião Urbana do underground ao mainstream*. (147 f.). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) –

Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista: Orientador Alexandre Bergamo Idalgo. Marília, 2011.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: ELSEVIER, 2012.

PAVÃO, Albert. *Rock Brasileiro 1955-65 Trajetória, personagens e discografia*. São Paulo: Edicon, 1989.

PAWLOWSKI, Cristiane. *As Mulheres no Rock: as identidades femininas e o sujeito pós-moderno em letras de Rita Lee, Fernanda Takai E Pitty*. (143 f.). Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Centro-Oeste: Orientador: Prof. Dr. Daniel de Oliveira Gomes. Guarapuava, 2013.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é contracultura*. 8º Ed. – São Paulo: Nova Cultural/Brasiliense, 1986.

PORTELLI, Alessando. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. Proj, História, São Paulo, (15), abr. 1997.